

“IMAGEM E ATITUDES DIANTE DA MORTE”: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA RESENHA DE “A SOLIDÃO DOS MORIBUNDOS” DO SOCIÓLOGO NORBERT ELIAS

Graciela Márcia Fochi¹⁹⁵

Mariluci Neis Carelli¹⁹⁶

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer.** Tradução de Plínio Dentzein. –Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

A primeira publicação deste livro data do início do ano de 1982, oito anos antes da morte do sociólogo polonês/alemão. No Brasil foi publicado inicialmente em 2001 e observa-se que tem sido visitado por estudiosos de áreas como a da saúde pública, da medicina, da educação física, entre outras, além das possibilidades dentro das ciências humanas.

O livro encontra-se dividido em duas partes, uma primeira denominada de “a solidão dos moribundos” e uma segunda, “envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos”, que é resultado de uma conferência proferida durante um congresso de médicos na Alemanha em 1983.

Neste momento será tomada ao estudo somente a primeira parte do livro, “a solidão dos moribundos”, na qual o autor aborda as imagens e as representações sociais e culturais da morte, por dar mais conta da proposta do dossiê. Já a segunda parte do livro denominada “envelhecer e morrer: alguns problemas sociológicos” aborda mais especificamente de questões de tratamento médico e clínico dos moribundos enquanto pacientes do que de aspectos para as concepções e imagens de morte.

¹⁹⁵ Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Universidade da Região de Joinville/Univille. Professora/tutora do curso de História da Uniasselvi e do curso de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. E-mail: graf_306@hotmail.com. Blog: <http://morte-cemiterios.blogspot.com.br/>.

¹⁹⁶ Doutora em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Professora do programa de mestrado Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville/Univille. E-mail: mariluci.carelli@gmail.com.

De uma maneira geral o sociólogo constrói reflexões, teorizações e generalizações para com as imagens e atitudes diante da morte e por outro lado faz críticas à estudos e estudiosos que abordam o tema da morte (em especial aos do historiador francês Philippe Ariès) que não conseguem ultrapassar o exercício de reunir e arrolar dados e documentos e construir explicações, bem como, apresentar reflexões mais amplas para momentos históricos e processos sociais como um todo.

Para ilustrar e exemplificar estes aspectos percebeu-se que o autor dialoga com os mitos e fantasias antigos da civilização, relaciona as concepções em voga nas diferentes épocas, situa os diferentes estágios e níveis de industrialização das sociedades. Por outro lado, também aponta as mudanças provocadas pela introdução de novas tecnológicas, pelos avanços cumulados pela ciência e discute impacto que estes aspectos causaram às concepções e as atitudes de morte e do morrer aos indivíduos no interior de suas sociedades.

A principal problemática colocada pelo sociólogo consiste em como tornar a experiência da morte uma experiência mais agradável aos outros e a nós mesmos. Como o autor argumenta, as imagens e atitudes dianteda morte configuram um cenário no qual a morte, em grande parte, é concebida como um ato de violência; por outro ladonunca antesas pessoas morreram tão silenciosas e higienicamente, especialmente nas sociedades industriais desenvolvidas; e os moribundos jamaisestiveram em condições tão propícias à solidão em seus leitos de morte como em nossa época e civilização.

Para Elias estes problemas são inauguradosnão com o fato/evento da morte propriamente dita, mas simdiante da experiência, por antecipação, do conhecimento e consciência da morte,o que por sua vez é responsável por inúmeros impasses e conflitos para os seres humanos. Nesse sentido o autor ilustra as experiências vivenciadas por outras espécies da natureza que se caracterizam pela não consciência da morte e finitude, e que acabam por promover e evidenciar experiências mais pacíficas diante da morte.

E diante disto o autor aponta que a resposta dada à pergunta sobre a natureza da morte não é constante no curso do desenvolvimento social, por sua vez correspondendo a estágios e momentos históricos. Em nossa época acaba sendo

considerada como uma agressão, um saque, uma perda, uma fatalidade, indesejável e a contragosto.

Observando o comportamento dos homens diante da morte em outras épocas o autor aponta que da Idade Média para a Idade Moderna houve um certo deslocamento de foco para com a morte. Ao longo da Idade Média a morte era tida e compreendida enquanto um fenômeno surpresa, fatal e natural, que não poderia sofrer interferência, somente deveria ser aceito e compreendido. Já na Idade Moderna o foco estará voltado às causas e aos motivos que levariam à morte de uma pessoa e diante disto a ciência deveria atuar com seus métodos e fórmulas para conseguir interromper e modificar o curso da morte.

Elias observa que hoje, como resultado do acúmulo de saberes e técnicas da época moderna que refletiu no aumento da expectativa de vida da população, o espetáculo da morte não é mais corriqueiro e cada vez mais a morte é adiada, postergada por tratamentos, medicamentos e outros recursos médicos e científicos, e por consequência ficou mais fácil esquecer que a morte é um momento normal no curso da vida.

O autor aborda que a morte do outro tanto nos assombra por representara lembrança de nossa própria morte, e que a visão de uma pessoa moribunda abala as imagens e as representações de vida das pessoas, e como resposta e defesadiante desta ameaça as pessoas constroem uma muralha contra a ideia de morte do outro semelhante e de sua própria morte.

Em sociedades não e pouco secularizadas Elias observou que um dos mitos mais antigos e popularmente aceitos às concepções e imagens de morte são o de Adão e Eva no paraíso, que inicialmente eram imortais, porém diante do pecado cometido foram expulsos do paraíso e condenados a serem mortais; a partir de então têm a ideia de pecado original que todos devem expiar será o da morte.

Já levando em consideração a sociedade de nossa época, fortemente secularizada e industrialmente desenvolvida, o autor formula que o recalçamento da ideia de morte anda de mãos dadas com outros problemas sociais, e entre eles está a dificuldade de identificação que se tem com os moribundos bem como o tratamento que é dado a estes indivíduos no final de sua vida.

E nestes aspectos residem os problemas mais difíceis de serem contornados, pois vem ocorrendo o isolamento, o gradual esfriamento das relações entre pessoas, a separação em relação aos seres humanos em geral, e tudo que conferia sentido e segurança aos moribundos e os vivos. Este é um fenômeno que está presente tanto no âmbito familiar, como social e hospitalar.

O autor discute que os cadáveres humanos, desde o percurso do leito de morte à sepultura, jamais foram tratados com tanta perfeição técnica e nunca ficaram tão inodoros quanto em nossa época. Percebe-se neste aspecto que todas as preocupações higienistas e de saúde pública, ditadas ainda entre os séculos XVIII e XIX continuam sendo levadas em consideração e por sua vez colaboram com a experiência de isolamento e afastamento entre vivos e mortos.

Por outro lado as manifestações para com a experiência de morte estão significativamente modificadas. “No século XVII, os homens podiam chorar em público; hoje isso tornou difícil e pouco frequente. Só as mulheres ainda são capazes e socialmente livres para fazê-lo” (p. 35). O cortejo, o uso do luto, a realização dos velórios em espaços domésticos não escapou incólume pelos novos padrões e valores da sociedade contemporânea secularizada e industrializada.

O autor aponta que as crianças também vivenciam problemas semelhantes em relação à morte. Na grande maioria das famílias, os adultos evitam falar a seus filhos sobre a morte, pois querem poupá-los das próprias angústias. Quando as crianças são envolvidas nestas experiências, especialmente na forma como e o que é falado sobre a morte muitas vezes ocorre uma representação problemática, confusa, cheia de rodeios, traumática e/ou fantasiosa e fabulosa, e nestes momentos os tabus costumam ser reproduzidos e ainda mais reforçados.

O sociólogo aborda também que em nossa época, os corpos mortos e as sepulturas perderam seus significados, porém a memória da pessoa morta pode ganhar ênfase neste contexto. Não é difícil verificar isto que o autor propõe diante da crescente procura pelo processo de cremação. O fato de não mais encontrar o corpo em um jazigo de certa forma promove um certo deslocamento e vazio no que diz respeito à dimensão do espaço ocupado pelo corpo no cemitério e que poderia ser facilmente

reencontrado e visitado, no sentido de corpo, espaço e local. Nesse caso o que resta é a memória e a lembrança da pessoa morta no imaginário dos vivos.

Outra tese de Elias está em que nos períodos anteriores as fantasias e as experiências coletivas eram o meio predominante de lidar com a noção de morte, porém com a grande escalada da individualização em tempos recentes, as fantasias pessoais e relativamente privadas de imortalidade destacam-se mais frequentemente.

O autor arrola as problemáticas em torno do 'sexo e morte'. Numa relação em que a problemática em torno do sexo e da sexualidade foi suavizada através da via pragmática e fisiológica; porém a angústia, o embaraço e a repressão diante destes não foram resolvidos, somente aumentaram.

Ao final do texto procura elencar sistematicamente as principais características das sociedades contemporâneas em relação à morte. A primeira refere-se ao aumento da expectativa de vida, o que faz com que as pessoas sejam capazes de postergar e manter afastada a ideia de morte por um período maior de sua vida, registrando que gradualmente a expectativa de vida de 40 anos passou à 75 anos em média.

A segunda característica identificada pelo autor esta na crescente compreensão por parte das sociedades mais desenvolvidas da morte como um processo natural, que promove uma espécie de suavização da angústia diante da morte, porém denuncia o aspecto que estas sociedade ao mesmo tempo encobrem o drama com milagrosas fórmulas de prolongamento da vida e rejuvenescimento.

O autor identifica um terceiro aspecto que é o de que na sociedade contemporânea ocorre a experiência diante da morte que indica uma certa pacificação/conformação diante do cumprimento do processo natural, e a experiência violenta/agressiva em casos de fatalidades e violência.

Neste ponto o autor aborda que a morte é capaz de revelar sentimentos diferentes entre as pessoas, tanto de repulsão como de atração, culpa, medo, vingança; numa disposição que depende da relação sentimental e relacional existente entre as pessoas e o morto, combinando e variando até como as fantasias pessoais e coletivas construídas em torno da morte ao mesmo tempo.

A última característica que Elias propõe se refere ao alto grau de individualização no interior da sociedade, o que por sua vez sugere uma ideia e

memória de morte mais próxima de si mesma (autoimagem) em distanciamento e independência dos demais seres humanos em sociedade.

Este distanciamento e autoimagem indicam quem sabe a reflexão e análise de maior valor e relevância proposta pelo autor, que é a ideia de que se experimenta uma espécie de vida e morte sem sentido, numa perspectiva de *homo clausus*, que sugere um indivíduo no vácuo, uma espécie de mônada isolada, um eu enclausurado, e talvez num nível mais alto de generalidade, o ser humano isolado ou que possui somente a sua consciência como um universal.

Este é o cenário no qual cada pessoa por si mesma possui um sentido da existência para a existência humana, porém na perspectiva de que cada um existe apenas para si mesmo, independentemente de outros seres humanos e de todo o “mundo externo”.

Neste aspecto o autor defende que como resultado desta imagem e representação tem-se cada vez mais gerado solidão e isolamento emocional. Conforme seguem as reflexões do autor a ideia de ter que morrer só é característica de um estágio comparativamente tardio da individualização e da autoconsciência, no sentido de que não se pode compartilhar o processo de morrer com ninguém.

Por fim o autor aborda que se encontra em curso um processo civilizador em cujo decorrer os moribundos e a morte são resolutamente banidos para os bastidores da vida social e cercados por sentimentos relativamente intensos de constrangimento e tabus verbais relativamente rígidos, e que o maior problema ainda está no possível desaparecimento da humanidade, pois é esta a única que atribuí sentido a tudo o que foi e está sonhado, construído, vivido, lutado e realizado.